

A saga dos índios gigantes do Brasil

Filme de Aurélio Michiles sobre a trajetória dos Panará, que quase foram exterminados nos anos 70, será lançado hoje

ANGÉLICA TORRES

A saga dos índios gigantes da estrada Culabá-Santarém foi cantada em verso, prosa, música e mídia, como uma ficção surrealista durante a ditadura dos anos 70. Os Panará foram musa da poesia de Drummond à canção *Krenakore*, do primeiro disco individual de Paul McCartney (o da capa com as cerejas), povoaram de mistério o imaginário brasileiro e motivaram o cineasta Aurélio Michiles a realizar o vídeo *O Brasil grande e os índios gigantes*, que será lançado nacionalmente hoje, às 19h30, na sala Alberto Nepomuceno.

A partir de farta documentação de imagens históricas e atuais, o filme é narrado da perspectiva do homem branco caçando o índio na floresta. São 200 anos de fuga de um povo que quase foi exterminado à época da abertura da estrada Culabá-Santarém em 1973, tendo sido removido para o Parque Indígena do Xingu em 1975 e que hoje, após muito esforço e luta, volta ao seu lugar de origem.

Imprensa — O contato da expedição dos irmãos Villas-Bôas com os Panará na década de 70 foi o mais documentado da história. Toda uma geração de jornalistas de toda a imprensa brasileira passou por lá. São reportagens imensas, o material é fantástico, conta Michiles, que centrou-se nos depoimentos — colhidos junto aos próprios índios e aos irmãos Villas-Bôas. São também protagonistas o antropólogo Darcy Ribeiro, o senador Roberto Campos e a jornalista Memélia Moretti, entre outros. As imagens usadas têm um vasto acervo, onde se destacam reportagens fotográficas de Orlando Brito, Luigi Mamprin, Pedro Martinelli e Eliana Lucena. Traz também imagens do início do século, do marechal Rondon e de Getúlio Vargas com índios, documentos da Marcha para o Oeste do Brasil.

Aurélio Michiles usa no filme uma citação de Apoena Melreilles, ex-presidente da Funai, para enfatizar a moral da história: Encontrar com o índio é fácil. Difícil é saber o que fazer com ele. Não passa pela cabeça do branco, segundo Aurélio, o que acontece no interior de um povo indígena quando ele o branco se aproxima desse povo e muito menos os desdobramentos desse contato.



O vídeo do cineasta Aurélio Michiles foi realizado a partir de farta documentação e contém dezenas de imagens históricas e atuais.



Fotos: Divulgação

Paisagens — Cria-se a imagem do sensacionalismo, do fantástico, não como se fossem pessoas, mas naturezas mortas", ilustra o cineasta. Produzido sob encomenda do Instituto Socio ambiental, uma ONG com sede em São Paulo e em Brasília, *O Brasil grande e os índios gigantes* vem sendo feito desde 1991, com filmagens no Xingu e no antigo território dos Panará, na fronteira entre o Pará e o Mato Grosso. Em função das necessidades, Michiles usou material em todos os formatos, 16mm, super 8, betakan etc. e o resultado vale a pena conhecer na sessão de hoje à noite.

Aurélio Michiles, 43 anos, passou uma parte da adolescência em Brasília, durante o período mais repressivo da ditadura militar. Começou a cursar Arquitetura e Urbanismo na UNB e a fazer teatro na Oficina de Teatro do

Sesi. Foi em Brasília que me descobri como artista e onde vi que a diversidade do Brasil existe e te obriga a conviver com a diferença, confessa.

Hoje mora em São Paulo, onde se dedica à arte do vídeo com reconhecida competência. Fez mais de oito, a maioria sobre a Amazônia. Entre eles os excelentes *Que viva Glauber*, *Lina Bo Bardi*, *A árvore da fortuna* e *Davi* contra Gollas-Brasil Calm (sobre o Yanomami), vencedor do margarida de Prata de 1994 e que está em exibição no Espaço Cultural 508 Sul das 11h00 às 17h00 a semana toda.

Líderes — Hoje, no lançamento nacional de *O Brasil grande e os índios gigantes*, estarão presentes os principais líderes Panará, que já conhecem alguns documentos do filme, mas que ainda não o assistiram. De gigantes mesmo, os Panará ou Krenakore (no-

me dado a eles pelos inimigos) tiveram apenas uns quatro descendentes que mediam dois metros e cinco. O vídeo apresenta fotos de um deles.

Na verdade, conta Aurélio, criou-se um mito em torno do gigantismo, a partir das estórias contadas, e aumentadas, pelos inimigos. Afinal, o desconhecido é sempre misterioso lembra o cineasta. Michiles fica em Brasília a semana toda, para levar o filme a escolas que se interessarem em veiculá-lo a seus alunos. Em maio, o vídeo será lançado no Masp reavivando a memória a história dos Panará, que teve mais de 80% de sua população assassinada entre 1970 e 1975.

■ **O BRASIL GRANDE E OS ÍNDIOS GIGANTES** — Vídeo, de Aurélio Michiles. Lançamento hoje, às 19h30, na sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional. Duração: 47'. Estarão presentes os líderes da comunidade Panará. Entrada franca.